

A psicologia analítica e sua interface com a Doutrina Espírita

JOSÉ RICARDO HONORIO DA SILVA*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de verificar até que ponto a psicologia analítica, proposta pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, está em consonância com os postulados da Doutrina Espírita, concebida pelo professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo cognome de Allan Kardec. Para a elaboração deste artigo, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica e um estudo comparativo das obras básicas e complementares da Doutrina Espírita, bem como de livros que compõem o conjunto das obras completas de Carl Gustav Jung, além de publicações diversas sobre psicologia analítica e espiritualidade. Ao final, constam sugestões para que se possa tirar o melhor proveito das terapias espíritas, bem como da psicoterapia junguiana.

Palavras-chave: consciência; inconsciente coletivo; espiritualidade; psicoterapia; espiritismo.

Analytical Psychology and its Interface with the Spiritist Doctrine

Abstract: This article aims to verify the extent to which analytical psychology, proposed by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung, is in line with the postulates of the Spiritist doctrine, conceived by the French Hippolyte Léon Denizard Rivail, known by his pen name Allan Kardec. For the elaboration of this article, we carry out bibliographic research and a comparative study of the basic and complementary works of the Spiritist doctrine, as well as books that make up the Collected Works of Carl Gustav Jung, and various publications on analytical psychology and spirituality. In the end, there are suggestions to get the most out of Spiritist therapies, as well as Jungian psychotherapy.

Key words: consciousness; collective unconscious; spirituality; psychotherapy; spiritism.



* **JOSÉ RICARDO HONORIO DA SILVA** Mestre em Administração (Centro Universitário Unieuro - Brasília-DF) e Especialista em Psicologia Junguiana pela Faculdade Unyleya (Brasília-DF).

Introdução

A ciência, a filosofia e a religião são construtos humanos formados e mantidos a partir de contribuições subjetivas, com consequências individuais e coletivas. Essas contribuições podem até, muitas vezes, ser apresentadas em conjunto, mediante trabalhos elaborados e divulgados por dois ou mais autores; mas a gênese de cada ideia é sempre subjetiva, consequência da maior ou menor genialidade de cada indivíduo.

Da mesma forma, o processo de apreensão da realidade ou de uma nova visão de mundo apenas se dá de forma individual, a partir de esforços e de valores (conscientes e inconscientes) que albergamos. Para Edinger (2020, p. 15), a consecução de uma nova percepção sobre a nossa realidade “só pode ser alcançada por um indivíduo de cada vez, por alguém que se dedique laboriosamente ao seu próprio desenvolvimento pessoal”. Para Jung (OC 7/1, Prefácio à 5ª edição), “o conhecimento profundo só é adquirido mediante leituras especializadas, de um lado, e experiências práticas, de outro”.

No tocante à completude de uma ideia ou de uma proposta, seja ela científica, filosófica ou religiosa, é imprescindível sabermos que nenhuma nasce plena, pronta e acabada; todas são passíveis de percepções distintas ou mesmo de complementações. Cada *insight*, cada pulsar de genialidade significa apenas um ponto no infindável enredo da vida

humana sobre a Terra. Logo, não se há de falar em contribuição equivocada ou inconveniente. Todas aportam elementos que favorecem o aperfeiçoamento das estruturas cognitivas, que dão sustentação ao processo de compreensão da nossa inexorável realidade existencial, cabendo a cada indivíduo promover a devida aproximação conceitual e prática, tendo em vista o máximo de aproveitamento dessas contribuições, mesmo que aparentemente antagônicas, em benefício próprio, da coletividade e, quiçá, da humanidade.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de verificar até que ponto a psicologia analítica, proposta pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, está em consonância com os postulados da Doutrina Espírita, concebida pelo professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo cognome de Allan Kardec, tendo em vista apontar caminhos possíveis para que possamos nos beneficiar dessas propostas, promovendo o devido autoconhecimento e ampliando nossas consciências acerca dos potenciais cognitivos que jazem em estado latente (inconsciente).

Para a elaboração deste artigo, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica e um estudo comparativo das obras básicas¹ e complementares² da Doutrina Espírita, bem como de livros que compõem o conjunto das obras completas³ de Carl Gustav Jung, além de publicações

¹ As obras básicas da Doutrina Espírita são aquelas que foram editadas e publicadas por Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. São elas: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).

² As obras complementares da Doutrina Espírita são aquelas que vieram a público após a publicação das obras básicas, por autores

diversos. No Brasil, ressalta-se a contribuição dos médiuns Francisco Cândido Xavier (com mais de 450 livros publicados) e Divaldo Pereira Franco (com mais de 250 livros publicados), dentre outros.

³ As Obras Completas de Carl Gustav Jung são compostas por 35 livros, distribuídos em 18 volumes, escritos no período de 1912 a 1961, ano do seu falecimento.

diversas sobre psicologia analítica e espiritualidade.

Este artigo está estruturado em quatro seções: esta introdução, onde constam a justificativa, o objetivo e a metodologia utilizada na elaboração deste trabalho; a seção 1 (*Jung e Kardec*), em que se faz uma breve revisão da literatura sobre a percepção junguiana da psique e sua aproximação com o universo espírita; seção 2 (*O inconsciente coletivo e a proposta reencarnacionista*), na qual se busca identificar pontos consonantes entre o conceito junguiano de inconsciente coletivo e o processo reencarnatório; a seção 3 (*Os processos obsessivos e o complexo da sombra*), em que se procura desmistificar a imagem popular do “espírito obsessor” como agente externo e esclarecer a função do complexo da sombra como matriz da auto-obsessão; e, por fim, as considerações finais, com as conclusões deste trabalho.

1. Jung e Kardec

1.1 Psique – o mapa da alma

A palavra psique é derivada do vocábulo grego *psykhé* e é usada para descrever a alma, o espírito, a mente. Mas o que entendemos da alma? Ela pode ser conhecida, analisada, mapeada? Esse foi o desafio dos primeiros desbravadores desse *mare ignotum*⁴ e pioneiros da psicologia da profundidade⁵, que alimentaram a expectativa de grandes e ricas descobertas nesse território até então incógnito e misterioso. Stein (2006, p. 12) afirma que “Para Jung, o estudo da alma tornou-se também uma questão de grande importância histórica, visto que, como ele certa vez disse, o mundo inteiro está pendente de um fio, e

esse fio é a psique humana. É vital que nos familiarizemos todos com isso”.

Embora com formação médica e especialização em psiquiatria, a gênese do pensamento junguiano foi alicerçada ao longo de sua juventude sobre fortes pilares da filosofia. Dentre eles, destacam-se Johann Goethe, Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

Não obstante, seu universo familiar também forneceu rico material para as considerações que faria sobre a psique humana.

O projeto de explorar cientificamente a psique humana foi iniciado nos primeiros anos da vida adulta de Jung. A sua primeira expedição oficial é descrita em sua tese doutoral, *On the Psychology and Pathology of So-Called Occult Phenomena* (Sobre a Psicologia e a Patologia dos Chamados Fenômenos Ocultos). O estudo fornece-nos uma descrição psicológica do mundo interior de uma jovem e talentosa mulher que, sabemos hoje, era na realidade sua própria prima Helene Preiswerk. Quando adolescente, ela tinha a capacidade incomum de atuar como médium para os espíritos de mortos, que falariam através dela com vozes e acentos históricos notavelmente precisos. [...] (STEIN, 2006, p. 13).

De seus estudos e pesquisas, Jung pode definir o que se entende como o mapa da alma humana, onde ele descreve a psique em todas as suas dimensões e explica a sua dinâmica interna, bem como suas relações com o mundo exterior.

⁴ Mar misterioso, desconhecido.

⁵ Dentre os pioneiros da psicologia da profundidade destacam-se o suíço Carl Gustav

Jung e os austríacos Sigmund Freud e Alfred Adler (STEIN, 2006, p. 12).

No entanto, apesar dos resultados apresentados, não foram poucas as críticas de que o Jung foi alvo, em função de ele se utilizar de uma metodologia própria, que fugia aos padrões do método empírico de pesquisa, reconhecido pela academia de ciências. Para Stein (2006, p. 17),

A razão da notável unidade da descrição da psique que Jung nos oferece provém, creio eu, de uma característica do seu pensamento que não é fruto de sua metodologia empírica. Jung era um intuitivo pensador criativo à maneira de filósofos como Platão e Schopenhauer.

Essa característica metodológica de Jung sugere que ele pudesse ser portador de uma faculdade mediúmica, o que pode ter favorecido o intercâmbio de informações a partir do mundo extrafísico, também denominado mundo espiritual. A possibilidade de ele possuir alguma faculdade medianímica é reforçada por Murray Stein, quando escreve:

Muitas das suas mais importantes intuições originaram-se em suas experiências do sublime, as quais lhe chegaram em sonhos, visões e imaginação ativa. Ele confessa isso abertamente em sua autobiografia, onde escreve que o seu principal professor sobre a “realidade da psique” foi a figura Philemon, que lhe apareceu primeiro num sonho e com quem se engajou depois, durante anos, num processo de imaginação ativa. A experiência direta da alma é a fonte primordial da teoria de Jung e isso explica sua profunda unidade e coerência internas (STEIN, 2006, p. 18).

⁶ “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências

1.2 A revelação espírita

O Espiritismo⁶ surgiu em meados do século XIX, dezessete anos antes do nascimento de Jung⁷, com a publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857, organizado por Hippolyte Léon Denizard Rivail que, para as publicações das obras espíritas, assumiu o cognome de Allan Kardec.

O advento da Doutrina Espírita foi consequência dos estudos realizados por Allan Kardec, a respeito dos fatos insólitos que ficaram conhecidos como o fenômeno das mesas girantes ou dança das mesas.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que remonta à mais alta antiguidade, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa ostensiva conhecida. Dali propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo; a princípio provocou muita incredulidade, mas, em breve, a multiplicidade das experiências não mais permitiu que se duvidasse da sua realidade (KARDEC, 2018, p. 16).

O fenômeno das mesas girantes desafiou o pensamento filosófico da época, a metodologia científica conhecida e as crenças religiosas arraigadas em seus dogmas. Se esses fenômenos tivessem se limitado ao movimento de objetos,

morais que dimanam dessas mesmas relações” (KARDEC, 1990, p. 50).

⁷ Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, Suíça, aos 26 de julho de 1875 (STEIN, 2006).

teriam ficado no âmbito das ciências físicas, mas não foi o que aconteceu. Manifestações inteligentes foram produzidas pelas mesas, que passaram a responder perguntas do público por meio de pancadas, que correspondiam ao número de ordem de cada letra do alfabeto, chegando a formar palavras e frases.

A exatidão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou gênio, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a notar. Ninguém havia então pensado nos *Espíritos* como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra (KARDEC, 2018, p. 20).

Uma circunstância muito peculiar não passou despercebida do Kardec, qual seja a capacidade de alguns comunicantes tratarem de questões abstratas e mesmo científicas, quando o grau de instrução dos médiuns⁸ não era compatível com o elevado conteúdo das mensagens comunicadas. O fenômeno ocorria, frequentemente, com o médium em estado de total inconsciência, o que não impedia que a questão fosse tratada, inclusive, em língua estranha ao médium (KARDEC, 2018).

Em alguns casos, essas respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, pensamentos tão elevados e tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. De outras vezes são tão levianas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a

acreditar que possam proceder da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a esclarecer e cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal como foi dada pelos próprios Espíritos (KARDEC, 2018, p. 20).

Do exposto, parece não restar dúvidas, sob a ótica espírita, de que inteligências extracorpóreas (espíritos) existem e podem comunicar-se com determinados indivíduos, mediante meios específicos (mediunidade). Considerando a confissão do próprio Jung de que ele manteve uma relação dessa natureza com a entidade denominada Philemon (STEIN, 2006), mediante experiências oníricas e processos de imaginação ativa, pode-se inferir que o Jung era detentor daquilo que, na Doutrina Espírita, é reconhecido como mediunidade intuitiva.

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. [...]. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo* (KARDEC, 2020, p. 186).

⁸ Pessoa capaz de se comunicar com os espíritos (KARDEC, 2020).

Aqui também o Espiritismo e a Psicologia Junguiana parece convergirem na compreensão da questão referente ao processo da intuição. Entretanto, entendemos que a Doutrina Espírita conseguiu ser mais assertiva, haja vista ter apresentado o intercâmbio mediúnicico como explicação para o fenômeno da comunicação intuitiva, enquanto Jung limitou-se a afirmar que, embora o fenômeno existisse, não sabia como explicar.

... a intuição é um tipo de percepção que não passa exatamente pelos sentidos; registra-se *ao nível do inconsciente*, e é onde abandono toda tentativa de explicação, dizendo-lhes: “Não sei como isso se processa”. Não sei o que se passa quando um homem se inteira de fatos que ele, em absoluto, não tem meios de conhecer. Não consigo dizer como essas coisas acontecem, entretanto, a realidade está aí, e os fenômenos são comprovados (JUNG, 2017, p. 17).

2. O inconsciente coletivo e a proposta reencarnacionista

Para Stein (2006), Jung foi o cartógrafo que conseguiu fazer o mapa da alma humana. Seguindo as linhas desse mapa, temos acesso às estruturas e conexões que explicam e justificam determinadas atitudes e comportamentos, ou seja, fenômenos dantes considerados incompreensíveis ou mesmo patológicos. Para a compreensão desses fenômenos, Jung dividiu a psique, inicialmente, em duas áreas distintas: o consciente e o inconsciente. Vale lembrar que a palavra “inconsciente” não é uma criação junguiana. “Bem antes já era conhecida na filosofia alemã, por Kant, Leibniz e outros, e cada um tem uma definição própria para o termo” (JUNG, 2017, p. 53).

Para Jung (2017, p. 13), “a consciência é sobretudo o produto da percepção e orientação do mundo *externo*, que provavelmente se localiza no cérebro e sua origem seria ectodérmica”. Ou seja, o consciente é aquela parte da psique que se forma a partir do momento em que viemos à luz, quando começamos a interagir com o mundo exterior. A nossa entrada na vida biológica, por intermédio da parturição, seria o ponto de partida para a construção da nossa consciência. Mas a sua essência embrionária estaria para além da nossa condição biológica.

[...] coloco o inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente. Na primeira infância somos inconscientes; as funções mais importantes de qualquer natureza instintiva são inconscientes, sendo a consciência quase que um produto do inconsciente (JUNG, 2017, p. 14).

Um dado peculiar no que se refere à consciência é que ela é comandada por uma estrutura psíquica denominada de ego (eu). O ego é considerado um complexo psíquico que exerce forte atração sobre os conteúdos do inconsciente, bem como sobre as impressões externas que se tornam conscientes ao se associarem com ele.

Uma consideração importante sobre a consciência é que nada pode ser consciente sem ter um eu como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o eu não é consciente. A partir desse dado, podemos definir a consciência como a relação dos fatos psíquicos com o eu. Mas o que é o eu? É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória (JUNG, 2017, p. 15).

No que se refere ao inconsciente, Jung diverge da tese freudiana para quem o inconsciente seria tão somente um repositório para as tendências infantis reprimidas, por serem incompatíveis com o caráter do indivíduo adulto. O inconsciente seria alimentado pelas ações repressivas dessas tendências, desde a primeira infância, em função da influência moral do ambiente.

É geralmente conhecido o ponto de vista freudiano segundo o qual os conteúdos do inconsciente se reduzem às tendências infantis reprimidas, devido à incompatibilidade de seu caráter. A repressão é um processo que se inicia na primeira infância sob a influência moral do ambiente, perdurando através de toda a vida. Mediante a análise, as repressões são abolidas e os desejos reprimidos conscientizados (JUNG, OC, vol. 7/2, § 202).

Para Jung (OC, vol. 7/2), o inconsciente vai muito além de um simples repositório de conteúdos reprimidos. É a base onde se assenta todo material psíquico que subjaz à consciência e é dividido em “coletivo” e “pessoal”. Compreende-se por inconsciente pessoal os conteúdos adquiridos durante a existência do indivíduo; enquanto o inconsciente coletivo, em seus níveis mais profundos, é composto por categorias herdadas (arquetípicas), numa transmissão contínua de geração a geração. Segundo Jung (2003 *apud* STEIN, 2006, p. 84), “O homem ‘possui’ muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu *tabula rasa*, apenas nasceu inconsciente”.

Do exposto, parece-nos possível traçar um paralelo entre a tese junguiana do inconsciente coletivo e a proposta reencarnacionista de Kardec, para quem a essência humana (espírito) ao reencarnar⁹ traz consigo o acumulado das experiências pretéritas.

[...] tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos; a encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal; as diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição; as qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso a de um Espírito impuro; a alma tinha sua individualidade antes de encarnar e a conserva depois que se separa do corpo; [...] (KARDEC, 2018, p. 24).

Para o Espiritismo, o indivíduo não é *tabula rasa* ao nascer, porque o espírito que anima o corpo que nasce é detentor de experiências vividas e de valores construídos em existências transatas. Sob ótica diversa, Jung converge para a tese espírita quando afirma que o homem, ao nascer, “traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano” (JUNG 2003 *apud* STEIN, 2006, p. 84).

⁹ A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente

formado para ele e que nada tem de comum com o antigo (KARDEC, 2013, p. 68).

Ou seja, apesar de percepções e entendimentos distintos, parece que Jung e Kardec falam do mesmo objeto, mas com terminologias específicas. Ambos entendem que a criatura humana é um ser dual. Para Kardec (2018, p. 60), essa dualidade se dá pela existência e união entre o espírito e a matéria, quando diz que “a matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação”. Para Jung, é a mente e o corpo que dão sustentação à existência humana.

Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim, prefiro afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas (JUNG, 2017, p. 32).

Não obstante, a tese da proximidade conceitual entre a psicologia analítica e a Doutrina Espírita ganha reforço, quando autores junguianos nos chamam à atenção diante da possibilidade de a discussão sobre imagens arquetípicas, um dos pontos focais da psicologia junguiana, resvalar para uma psicologia eminentemente espiritualizada ou filosófica. Se essa possibilidade existe, entendo que, em algum momento, as duas propostas se conversam e permitem uma interface consonante.

Na opinião de Jung, arquétipo e instinto estão profundamente relacionados. Para ele, mente e corpo estão interrelacionados a tal ponto que são quase inseparáveis. Se isso for ignorado, a discussão de imagens arquetípicas escorrega facilmente para uma psicologia abertamente espiritualizada e desprovida de alicerces. Para discutir o arquétipo desde um ponto de vista psicológico em lugar de filosófico ou metafísico, temos que

fundamentá-lo na vida, tal como é vivida no corpo humano, onde também se entretetece com a história pessoal e o desenvolvimento psicológico. A teoria dos arquétipos é o que torna platônico o mapa junguiano da alma; entretanto, a diferença entre Jung e Platão é que Jung estudou as Ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações (STEIN, 2006, p. 82).

Entretanto, a possibilidade de uma interface consonante entre psicologia analítica e Espiritismo não deve causar nenhum espanto, haja vista que a gênese do pensamento junguiano tem fortes relações com a filosofia, bem como com o universo espiritual e medianímico, conforme nos informa Stein (2006, p. 13), segundo o qual a tese doutoral de Jung abordou o caso de uma adolescente, sua prima, que “tinha a capacidade incomum de atuar como médium para os espíritos de mortos, que falariam através dela com vozes e acentos históricos notavelmente precisos”.

Ou seja, quando Stein (2006) chama a atenção para a necessidade de se discutir arquétipo por uma ótica estritamente psicológica e fugir do debate filosófico e metafísico, entendemos que ele tenha percebido a considerável proximidade conceitual entre essas áreas do pensamento humano. Por conseguinte, entendemos também que sua preocupação por defender a delimitação do tema sob a ótica junguiana deve-se à necessidade de se preservar a alma da psicologia analítica, o que em nada desmerece a proposta kardequiana.

Do exposto, parece evidente que as contribuições de Jung e Kardec, embora difiram em alguns pontos, em nada se opõem. Pelo contrário, complementam-se e possibilitam às mentes mais atiladas a oportunidade de reflexão e

compreensão da nossa realidade existencial, embora sob óticas distintas.

3. Os processos obsessivos e o complexo da sombra

Dentre as terapias oferecidas no âmbito da Doutrina Espírita ressaltamos aquelas que objetivam o tratamento e a cura da obsessão espiritual, largamente conhecida no universo espiritista. Essas terapias objetivam ajudar o indivíduo considerado obsidiado a desvencilhar-se do domínio que Espíritos obsessores tentam impor. Para Kardec (2020, p. 259), “a obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua”. E complementa:

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau (KARDEC, 2013, p. 367).

Para a autora espiritual Joana de Ângelis, muitos distúrbios de ordem psicológica têm sua gênese em processos obsessivos inconscientes, podendo levar o indivíduo a um profundo estado de desequilíbrios emocionais e até a loucura (ÂNGELIS, 1995). Casos assim são abordados sob a ótica da psicopatologia com sintomas semelhantes, como a fixação de ideias e a sensação de que o sofrimento vai durar para sempre.

Agindo psiquicamente sobre a mente da vítima, o ser espiritual estabelece um intercâmbio parasitário, transmitindo-lhe telepaticamente clichês de aterradoras imagens que vão se fixando, até se tornarem cenas vivas, ameaçadoras, encontrando

ressonância no inconsciente profundo, onde estão armazenadas as experiências reencarnatórias, que, desencadeadas, emergem, produzindo confusão mental até o momento em que o pânico irrompe incontrolável, generalizado (ÂNGELIS, 1995, p. 119).

Nesse sentido, Kardec (2020) esclarece que muitos casos de loucura sob a ótica médica são, na verdade, decorrentes da problemática obsessiva espiritual. Para esses casos, terapias como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoterapia, coma insulínico e lobotomia provaram-se totalmente inadequadas e ineficientes.

Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; eles precisariam de um tratamento moral, enquanto com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas (KARDEC, 2020, p. 270).

Conforme consta da introdução, cada pensamento, cada *insight* é uma contribuição da genialidade individual para a construção do universo intelectual. Por caminhos distintos, mas na mesma linha do raciocínio kardequiano, temos a contribuição da Dra. Nise da Silveira¹⁰, conhecida por humanizar o tratamento psiquiátrico no Brasil. Em meados do século XX, ela recusou-se a aplicar tratamentos invasivos como a lobotomia e o choque insulínico em pacientes psiquiátricos, propondo a terapêutica ocupacional e o uso da arte como instrumentos que possibilitassem a restauração dos vínculos do indivíduo com a realidade.

¹⁰ Ver Nise da Silveira: Vida e Obra. Disponível em <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/um>

a-psiquiatra-rebelde.php. Acesso em: 29 dez. 2024.

A Dra. Nise da Silveira foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina no Brasil, tendo sido pioneira na terapia ocupacional, método que utiliza atividades recreativas no tratamento de distúrbios psíquicos, se contrapondo às terapias invasivas da época. Foi precursora na introdução da psicologia analítica no Brasil, tendo contribuído para a difusão dos métodos terapêuticos propostos por Jung.

Mas até que ponto a visão espírita sobre as obsessões espirituais são consonantes com a tese junguiana, no que se refere à participação do inconsciente na manifestação de distúrbios comportamentais?

Para tentar responder a essa pergunta, faz-se necessário revisitarmos as estruturas definidas por Jung no mapeamento da psique, das quais ressaltamos três, considerando o objetivo deste trabalho. São elas: os complexos do ego, da *persona* e da sombra. Vale salientar que, na construção desses complexos, os ambientes social e familiar são de grande importância pela forte influência que exercem.

O ego, enquanto gestor da consciência, a partir da leitura que faz da cultura, da educação e dos valores sociais, selecionará as características mais e menos desejáveis, tendo em vista a interação do indivíduo com o mundo exterior. As consideradas positivas serão agregadas à *persona*, responsável por criar uma impressão do indivíduo sobre os outros e proteger sua verdadeira natureza. As características opostas àquelas que foram adotadas pela *persona* serão reprimidas e relegadas à inconsciência, alimentando o complexo da sombra. Logo, a sombra é constituída

pelos impulsos e tendências rejeitados e reprimidos pela consciência do ego, por terem sido julgadas inadequadas ao indivíduo, em função do ambiente no qual está inserido.

As tendências e os impulsos rejeitados pela família não são simplesmente perdidos; tendem a se aglomerar como imagem do *alter ego*, logo abaixo da superfície do inconsciente pessoal. Esse *alter ego* é o que Jung chamou de *sombra*, porque, quando uma parte de um par de opostos é trazida a “luz” da consciência, a outra parte rejeitada cai, metaforicamente, na “sombra” do inconsciente (HALL, 2007, p. 20).

Ou seja, *sombra* e *persona* são estruturas complementares; quanto mais o ego se identifica com a *persona*, maior é a sombra. E na medida que a consciência se prende à *persona*, as características opostas se farão presentes no inconsciente, cumprindo uma função compensatória, não só dando origem, mas reforçando a influência inconsciente da sombra sobre a consciência do ego.

Em outras palavras, os complexos são formados mediante um processo de dissociação comandado pelo ego que, não conseguindo lidar com determinado conteúdo, afasta-o da consciência. Entretanto, os complexos podem ser constelados¹¹ a partir de estímulos externos ou internos, bem como associarem-se a outros conteúdos similares, como imagens, memórias, pensamentos, desejos e ideias.

Fato importante a ser considerado é que quanto mais conteúdo houver associado a um complexo, maior será a sua carga energética. Quando essa energia se intensifica, o complexo pode conseguir

¹¹ “Processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos” (JUNG, OC, vol. 8/2, § 198).

invadir a consciência do ego, chegando ao ponto de assumir totalmente o seu controle. Nesse caso, pode ocorrer tamanha mudança na personalidade, provocando o que se chama de possessão do ego pelo complexo. Diante de um fato dessa natureza, como discernir entre a possessão de um espírito sobre a alma do indivíduo e a possessão do complexo sobre o ego?

Do exposto, entendemos que essa dinâmica psíquica pode ser, de fato, a causa de determinados casos de pretensa obsessão espiritual. Na verdade, o indivíduo é vítima de si mesmo, o que poderíamos classificar como uma auto-obsessão. Ou seja, o transtorno procede do ser profundo, ensejando o quadro obsessivo derivado da mente em desalinho que interage com a consciência (ÂNGELIS, 1995).

Não obstante, parece que essa questão não passou despercebida de Jung (2022, p. 239), quando diz que “aqui se abre, diante do psiquiatra, um conjunto de problemas vitais que jamais poderá ser levado suficientemente a sério, e aqui também se impõe ao médico da alma um problema que o coloca em estreito contato com o diretor espiritual”.

O problema do sofrimento da alma concerniria, no fundo, muito mais ao diretor espiritual do que ao médico. Mas na maioria dos casos o doente consulta primeiro o médico, porque pensa estar fisicamente enfermo e sabe que certos sintomas neuróticos poderão pelo menos ser aliviados por meio de medicamentos. Por outro lado, o diretor espiritual geralmente não possui os conhecimentos que o capacitem a penetrar nas trevas do pano de fundo psíquico dos doentes, como também não possui a autoridade que lhe dê condições de convencer o doente de que seu sofrimento não é de natureza

física, mas psíquica. (JUNG, 2022, p. 239).

Dessa forma, entendemos que Jung foi extremamente hábil ao desenhar o mapa da alma. Fê-lo com tamanha delicadeza que, mesmo tendo bordejado os limites do Espiritismo, não invadiu seus domínios, embora tenha mantido a conexão e a coerência entre a psicologia analítica e a Doutrina Espírita, duas profundas e complexas contribuições para a compreensão do mapa da alma.

Por fim, reconheceu a relação umbilical entre corpo e alma, bem como entre a ciência, a filosofia e a religião. Percebeu que tudo contribui para compor a nossa imbricada realidade existencial, onde o Divino inconsciente está sempre presente, aguardando que, no momento mais oportuno, o conscientizemos.

De todos os meus pacientes que tinham ultrapassado o meio da vida, isto é, que contavam mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa. Aliás, todos estavam doentes, em última análise, por terem perdido aquilo que as religiões vivas ofereciam em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum se curou realmente, sem ter adquirido uma atitude religiosa própria, o que, evidentemente, nada tinha a ver com a questão de confissão (credo religioso) ou com a pertença a uma determinada igreja. (JUNG, 2022, p. 241).

Considerações finais

Embora a questão da interface entre a psicologia analítica e a Doutrina Espírita possa continuar em aberto, é imprescindível a manutenção do diálogo entre médicos, psicólogos e espíritas, tendo em vista a implementação de terapias que ajudem os indivíduos a construir e manter o equilíbrio entre os fatores físicos, espirituais e psíquicos.

Para que se tenha uma existência equilibrada e produtiva, é imperioso conhecer os fatores intervenientes da nossa realidade existencial, quer seja sob a ótica espírita ou psicológica, tendo em vista a identificação das viciações latentes, conscientes ou inconscientes. Para isso, é fundamental a consecução de uma visão interdisciplinar dos fenômenos, mesmo que as teses pareçam antagônicas.

Nesse sentido, é de vital importância evitar a rigidez sistemática de algumas doutrinas, bem como a observância irrestrita de determinados dogmas, religiosos ou acadêmicos, sob pena de se perder a oportunidade de compreender os fenômenos psíquicos e espirituais, bem como de diagnosticar, explicar e orientar a mudança de certos comportamentos.

A ampliação do campo mental pela aquisição de conhecimento torna mais fácil a construção de soluções para as problemáticas do corpo e da alma, haja vista que muitos distúrbios decorrem da ignorância que alimentamos sobre a nossa realidade existencial. O conhecimento expande e aguça a consciência; e esta, uma vez desperta, pode libertar o indivíduo da obsessão espiritual, bem como da implacável subjugação da sombra sobre o ego.

Por fim, vale ressaltar que este artigo não esgota as possibilidades de se identificar outros pontos de contato entre as práticas da psicologia analítica e do espiritismo. Uma análise em profundidade, objeto de um estudo *stricto sensu*, pode ser realizada com o intuito de suscitar novas percepções e métodos psicoterápicos,

tendo em vista uma melhor compreensão dos fenômenos psíquicos e espirituais.

Referências

- ÂNGELIS, J. de (Espírito). **Autodescobrimento**: uma busca interior. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: Leal, 1995.
- EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. 2ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.
- HALL, J. A. **Jung e a interpretação dos sonhos**: manual de teoria e prática. São Paulo: Cultrix, 2007.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. OC, vol. 8/2. Petrópolis: Vozes, 1984.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. OC, vol. 7/1. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. OC, vol. 7/2. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JUNG, C. G. **Os fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JUNG, C. G. **O indivíduo moderno em busca de uma alma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- KARDEC, A. **O que é o espiritismo**. 34ª ed. Brasília: FEB, 1990.
- KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 131ª ed. 1ª impressão. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O livro dos espíritos**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 4ª ed. 5ª impressão. Brasília: FEB, 2018.
- KARDEC, A. **O livro dos médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 81ª ed. 9ª impressão. Brasília: FEB, 2020. Edição histórica.
- STEIN, M. **Jung**: o mapa da alma. 5ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 2025-02-26

Publicado em 2025-09-27